

Pós-Graduação *stricto sensu* e produção científica: duas faces da mesma moeda

Nelson Spector

Chefe do Departamento de Clínica Médica
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
e-mail: spector@ufrj.br

A pós-graduação *stricto sensu* desenvolveu-se no país a partir de dezembro de 1965, quando a Comissão de Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura (MEC) apresentou o notável Parecer 977/65, que ficou conhecido como "Parecer Sucupira" em homenagem ao seu relator, o Prof. Newton Sucupira. Eram seus pares naquela comissão, educadores de renome nacional como Anísio Teixeira e Rubens Maciel, este um emérito professor de Clínica Médica de Porto Alegre.

No parecer, a pós-graduação foi definida como instrumento fundamental "para que a universidade deixe de ser instituição apenas formadora de profissionais e se transforme em centro criador de ciência e de cultura." Mais ainda, a esta nova feição da universidade brasileira foi atribuído um papel estratégico na geração de quadros e do saber "necessários ao desenvolvimento nacional em todos os setores".

Parece ser um consenso nos meios educacionais brasileiros que os maiores acertos realizados neste setor no país ocorreram na área de pós-graduação. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) construiu, ao longo das três décadas de sua existência, um arcabouço jurídico e técnico capaz de legitimar e viabilizar o funcionamento de uma avaliação continuada do desempenho dos programas de pós-graduação no país. A avaliação é dividida por áreas de conhecimento, e efetuada por comissões de docentes, que reúnem-se anualmente para apreciar os relatórios enviados a Brasília pelos programas.

Devido ao grande número de programas, a Medicina foi dividida em três comissões: Medicina I (programas clínicos), Medicina III (programas cirúrgicos) e Medicina II (uma composição variada que inclui

patologia, pediatria, radiologia e psiquiatria). Os programas de Medicina pertencem à Grande Área da Saúde, que inclui os programas de odontologia, enfermagem, farmácia, educação física e saúde coletiva. Por determinação da Capes, toda a Grande Área deve compartilhar critérios idênticos de avaliação, o que cria algumas dificuldades.

Estes critérios foram aperfeiçoados ao longo dos anos e se assentam em indicadores objetivos de qualidade, dentre os quais, destaca-se a capacidade de produção científica dos docentes e alunos do programa de pós-graduação. Afinal, a produção científica é a expressão derradeira da atividade criadora de que falava o Parecer Sucupira e tornou-se, há pelo menos quatro décadas, a moeda forte no meio acadêmico internacional. Portanto, embora a avaliação dos programas detenha-se em um amplo conjunto de indicadores de desempenho, a produção científica é o elemento-síntese que determina a nota final do programa.

Seria inexecutável e perigoso que as comissões tentassem avaliar cada artigo publicado por cada programa, atribuindo notas a eles. O melhor indicador objetivo da influência de um artigo é o número de citações que recebe. Entretanto, como a avaliação é anual, também não é possível avaliar a taxa de citações de cada artigo publicado. A solução encontrada foi a de utilizar o fator de impacto dos periódicos em que os docentes publicaram seus artigos como um indicador sub-rogado da qualidade dos artigos publicados. Este fator de impacto é publicado pelo *Institute for Scientific Information (ISI)* em um relatório anual intitulado *Journal Citation Report (Relatório de Citações dos Periódicos,*

JCR). O fator de impacto de um periódico é a taxa média de citações obtida pelos artigos publicados nesse periódico no biênio anterior. O programa de pós-graduação ganha pontos se tem parte substancial de sua produção publicada em periódicos com elevado fator de impacto.

A experiência de pós-graduação *stricto sensu* consiste em um treinamento individualizado, durante o qual, um pesquisador experimentado e ativo acolhe em parceria um jovem aluno motivado a trabalhar e aprender. Todo o processo investigativo deve ser pautado no exame metucioso das exigências materiais e metodológicas e na implementação tenaz do projeto traçado. Para concorrer com alguma chance às poucas fontes de financiamento à pesquisa e ainda, para enfrentar com sucesso a dispepsia dos revisores de periódicos científicos, o projeto tem que ser executado

e apresentado com rigor de forma, de método e de cálculo. Não há lugar para amadorismo ou improviso. Por outro lado, projetos feitos de acordo com estas premissas serão quase sempre publicados.

O decantado sucesso da pós-graduação brasileira talvez se deva ao uso de um instrumento elementar, embora estranho à cultura da educação pública e de resto da administração pública no país: premiação e penalização com base em avaliações objetivas de desempenho. Sem dúvida, o sistema nacional de pós-graduação apresenta hoje acentuadas distorções decorrentes da iniquidade do acesso a recursos de financiamento à pesquisa e à fixação docente nas diferentes regiões brasileiras. Mas para o jovem que se inicia na carreira docente, é essencial compreender que o seu sucesso, e o da sua instituição, serão julgados em boa parte pela sua produtividade científica. ■